



PÉRIPLO E REPRESENTAÇÃO: IBN BATTUTA E A RETÓRICA DA ALTERIDADE NA ÁFRICA DO SÉCULO XIV

Bruno Rafael Vêras de Moraes e Silva

Graduado em Licenciatura em História pela UPE. Graduando em Bacharelado em História pela. Bolsista **CNPQ-PIBIC-UFPE 2010-2011. Orientador:** Dr. José Bento Rosa da Silva.
E-mail: profbrunov@hotmail.com.

Em sua mais conhecida obra, “*Muqaddima*” (Prolegômenos), o grande pensador, cádi, viajante e historiador¹ magrebino do século XIV, Ibn Khaldun cita em passagens que traz algumas reflexões sobre viagem e busca de conhecimento:

a transmissão de coisas que se tem observado com os olhos é algo mais abrangente e completo do que a transmissão de informações e coisas que você tem aprendido sobre. Um hábito que é resultado de [observação pessoal] é mais perfeito e enraizado².

Partindo deste pressuposto, comum aos viajantes muçulmanos da idade média, este trabalho objetiva-se uma reflexão sobre a viagem e a produção de sua literatura no mundo muçulmano medieval notadamente sobre a obra “*Tuhfat al-Nuzzar fi Ghara’ib al-Amsar wa-’Aja’ib al-Asfar*” traduzida como “*Um presente para aqueles que contemplam as Belezas das Cidades e as Maravilhas da Viagem*”, mais conhecida como a *Rihla* de Ibn Battuta. Destarte, pretendemos fazer uma discussão teórico-metodológica da literatura de viagem como fonte histórica levando em consideração os aspectos mais relevantes na análise desta categoria específica de fonte, no caso, a *Rihla* de Ibn Battuta.

Esta pesquisa tem como foco uma análise *Meta-Histórica* da *Rihla* de Ibn Battuta, analisando o que prefigura a própria descrição do viajante, isto é, as estratégias de construção da própria narrativa. Procurou-se analisar as estratégias literárias e

¹ Sobre algumas reflexões teóricas e atribuições à *Abu Zayd 'Abd al-Rahman ibn Muhammad ibn Khaldun al-Hadrami* ver SCHMIDT, Nathaniel. **Ibn Khaldun** - historian, sociologist and philosopher. 2^o ed. AMS Press: New York, 1967.

² [transmission of things one has observed with one’s eyes is something more comprehensive and complete than the transmission of information and things one has you learned about. A habit that is result of [personal observation] is more perfect and firmly rooted] in Khaldûn, Ibn. **Muqaddimah**: an introduction to History. Trad. Franz Roenthal. vol. 2. New York: Pantheon, 1958. p. 346. (Tradução do autor).



digressões conceituais utilizadas pelo cronista para descrever o “outro” dentro de uma retórica da alteridade e de uma estética da recepção específica: a de sua cultura de origem. Para tanto, mobilizou-se um arcabouço teórico tanto do campo histórico como da Teoria da Literatura e Linguística imbricando categorias de análise das ciências citadas a fim de analisar as relações entre representação e condicionamentos sócio-históricos.

Para tanto analisaremos alguns pontos fundamentais desta literatura de viagem: primeiramente os elementos críticos da análise do olhar do viajante Ibn Battuta, a seguir a literatura construída a partir dos códigos de recepção do interlocutor; ponto este interligado ao contexto e condicionantes culturais do viajante na construção do relato; logo depois trataremos da autoridade construída nas descrições no jogo de alteridade; e por fim os elementos retóricos tanto da construção do *Ethos* do cronista, como nas estratégias de verossimilhança construídas no texto através de *produções de efeitos de realidade* (FARIAS in MACEDO, 2010) e da construção do *pathos* dentro do discurso.

A *Rihla*, o viajante e o contexto das viagens

O século XIV; tempo marcado por intensas crises e transformações políticas não só na Europa, como também em boa parte do mundo asiático e africano. Neste período, viajantes de várias origens realizavam suas peregrinações religiosas ou comercializando entravam em contato com outros complexos civilizacionais. O maior viajante do medievo – que registrou seus périplos e incursões em literatura de viagem – inclui-se neste contexto sócio-político mundial: *Ibn Battuta* (1304-1377).

Ibn Battuta (1304-1377), descendente de uma família da tribo berbere de *Lawita*, fez oito viagens diferentes em cerca de 28 anos, período em que percorreu boa parte do “velho mundo”, especialmente os domínios muçulmanos. De sua vida pouco se sabe, sendo a escrita de suas próprias viagens a maior fonte sobre o tema, além de alguns poucos comentaristas contemporâneos ao mesmo como Ibn Khaldun. O que sabe-se é que iniciou suas viagens a partir da obrigação do *hajj* aos 22 anos de idade, depois de



ter estudado as ciências jurídicas e religiosas, o que normalmente faziam parte da formação de um muçulmano de família abastada (BISSIO, 2008).

O livro onde narra suas experiências, foi ditado oralmente durante dois anos ao erudito andaluz Ibn Juzayy (1321-1356), que era poeta e escrivão na corte merínida de Fez, durante o reinado de Abu Inan (1348-1358). É um relato rico em descrições de rotas comerciais de caravanas e marítimas, localidades e características e peculiaridades geográficas, e detalhes e apontamentos de suas próprias viagens. Em sua *Rihla*, Ibn Battuta descreve a geografia, a história e as populações destas diversas localidades, dando especial destaque aos aspectos jurídicos, políticos e religiosos das diferentes paragens que percorreu.

A produção de literatura de viajantes era uma prática comum à cultura muçulmanos desde o século IX. Tanto a sua escrita, quanto a sua leitura eram muito valorizadas nos círculos leitores eruditos. Poderíamos apontar como alguns exemplos de textos de viagens os tratados geográficos, relatos comerciais, descrições histórico-geográficas, relatos de visitas diplomáticas. O surgimento e prática destas viagens e destes escritos podem ser entedidos como uma necessidade estatal dos impérios muçulmanos na medida que se expandiam de inventarizar seus produtos, suas rotas e mesmo conhecer suas fronteiras. Não é a toa que muitos destes escritos eram patrocinados por autoridades e soberanos³.

Estas obras, tanto de caráter geográfico, histórico quanto os relatos da experiência da viagem, tinham também um objetivo utilitário, pois ajudavam a aumentar os conhecimentos sobre as diversas paragens tocadas pelo Islã e arredores (TOUATI, 2010).

Datado as suas primeiras expressões no século XII, na região ocidental do mundo muçulmano, mais precisamente no Marrocos, África magrebina e em Al-Andalus nasce um novo gênero de literatura de viagens caracterizado pela personalidade das descrições, o caráter religioso e a preocupação com a qualidade literária. A *Rihla* (Relato de Viagem) surge como um gênero onde o motivo primeiro de suas narrativas é

³ Sobre esta perspectiva interpretativa conferir PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império**. Relatos de Viagem e Transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.



a viagens de peregrinação religiosa à Meca e a busca do conhecimento nos grandes centros religiosos.

Segundo Beatriz Bissio, a escrita da *Rihla* caracteriza-se como um “híbrido de tratados de geografia e relato de viagem, de texto erudito” (2010:07). Os primeiros exemplos deste gênero proporcionavam além das informações necessárias para o peregrino no *Hajj*, informações detalhadas dos países e das culturas visitadas, não se furtando de fazer observações subjetivas transparecendo as próprias experiências e reações da viagem durante a viagem.

Grandes obras foram escritas com este objetivo destacando-se primeiramente as *Rihla* do granadino Abu Hamid (1080-1169) ao visitar o norte da África, parte da Ásia central e o sul da Rússia e Ibn Yubair (1145-1217) cujos escritos sobre a África influenciaram a obra do próprio Ibn Battuta mais de dois séculos depois (ALMEIDA, 2005). Por fim, o último grande escritor do gênero *Rihla* e seu maior expoente foi o tangerino Ibn Battuta meados do século XIV.

No decorrer de suas viagens Ibn Battuta e peregrinações Ibn Battuta percorreu terras e visitou reinos e impérios de presença muçulmana em três diferentes continentes: parte da Europa, boa parte da Ásia e da África. No continente africano descreveu brevemente o seu Marrocos natal, o Magreb, a extensão mediterrânica da África, reservou longas páginas ao Egito então sob o domínio Mameluco, descreveu os costumes políticos e sociais de boa parte da África oriental e de suas ilhas e por fim, em sua última viagem percorreu a extensão do Saara para conhecer o Império do Mali e adquirir o *adab*⁴ com os eruditos de cidades como Tombuctu e Gao.

Análise Crítica e Retórica da escrita da viagem

Ao analisar criticamente a literatura de viagem como fonte histórica, o deve-se atentar primeiramente para a seguinte assertiva: a literatura de viagem não é uma fonte histórica objeto repositório de descrições e informações precisas sobre o passado. Ainda

⁴ Palavra sem referência na língua portuguesa, mas que poder ser traduzida grosseiramente por “cultura”, ou conhecimento, erudição.



que o viajante tenha feito todas as suas observações pessoalmente, anotando tudo em um cuidadoso diário (ao invés de confiar na quase certa displicência da memória), até mesmo feito detalhadas gravuras ou descrições numéricas pretensamente precisas os relatos de sua viagem continuam cativos de seu olhar.

Vários teóricos já debateram sobre as características epistemológicas da produção, constituição e análise das fontes Históricas. Construíram reflexões muitas vezes discordantes sobre a objetividade e validade da utilização e da metodologia de análise de diversas categorias de fontes históricas⁵. Hoje, consensua-se – mesmo dentro do pequeno minifúndio dos consensos do campo da História – que não existam fontes históricas objetivamente precisas, que carreguem em seu cerne epistemológico a neutralidade de sua produção (BLOCH, 2001). Mesmo as escrituras carimbadas e atas oficiais ou as fotografias amareladas pelo tempo e congeladas no momento necessitam ter suas informações avaliadas por uma crítica interna e externa do documento.

Neste sentido, aponto para a necessidade de uma análise mais aprofundada da literatura de viagens. Análise crítica feita não só a partir das ferramentas do campo historiográfico, mas auxiliado por conceitos e métodos analíticos complementares da crítica literária, da linguística e da análise do discurso.

O Historiador americano Hayden White, pioneiro nesta questão, em sua obra “Meta-História: a imaginação Histórica do século XIX” (1995) propôs-se a fazer uma análise dos elementos, escolhas e estratégias que pré-figuram a própria construção do conhecimento histórico, isto é os aspectos linguísticos, literários e mesmo ideológicos. Este mesmo raciocínio aplicado aos pensadores analisados por White pode também ser utilizado para construir uma análise crítica e historiográfica da *Rihla* de Ibn Battuta em uma arqueologia de sua elaboração e construção.

Como explicitado anteriormente, o relato de viagem está condicionado diretamente ao olhar do viajante. Isto é, mesmo ao descrever o *outro*, o viajante o faz a partir de seus referenciais culturais, do seu campo conceitual. A produção do relato de viagem encontra-se culturalmente e histórica condicionada (CRISTOVÃO, 2002).

⁵ Para alguns destes debates e observações ver KI-ZERBO, J.(Coordenador). **História Geral Da África. Vol. I.** Metodologia e pré-história da África SP: Ática/ Paris: Unesco,1982.; CERTEAU, Michel De. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.



Podemos ver na prática esta afirmação ao analisar alguns trechos da *Rihla* de Ibn Battuta. Em uma de suas últimas viagens Ibn Battuta foi à Al-Anduluz. No período de sua viagem, na metade do século XIV, a Península Ibérica encontrava-se no processo das invasões dos Reinos Cristãos tanto de Castela e Aragão quanto de Portugal. O pequeno reino de Granada enfrentava constantes invasões de cavaleiros saqueadores vindo do norte ou das ilhas sob domínio cristão dentro do mediterrâneo.

Dentro deste contexto de alianças dentro do mundo islâmico frente às Cruzadas e Reconquistas, turcos aliavam-se à árabes no oriente e marroquinos enviavam seus melhores ginetes de Fez e do Takrur à Andaluzia. Este clima de disputas e conflitos fica claro nos relatos sobre a Península Ibérica de Ibn Battuta:

Oxalá Deus é Altíssimo concedendo a vitória ao Islã na Pensinsula Ocidental por meio de nosso soberano, cumprindo suas esperanças de ganhar as terras dos infiéis e de dispensar definitivamente aos adoradores da cruz (BATTUTA, 1981: p.760-761)⁶.

As adjetivações e categorizações religiosas revelam a relação identitárias e mesmo as representações construídas de ambos os lados. Percebe-se idem que o elemento fundante da alteridade entre os muçulmanos do complexo magrebino-anadaluz e da península Ibérica cristã é a religião. Em outras regiões visitadas por Ibn Battuta percebemos a construção de diferenciação e representação do *outro* baseada em diferentes signos, seja na alimentação, no canibalismo, nas formas de enterrar e vestir, etc.

A partir do exposto, partimos de um pressuposto interpretativo da literatura de viagem diferente da de Nelson B. Peixoto. Sobre o viajante, este autor afirma:

Aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele resgata o significado que tinha aquela mitologia. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais. Todo um programa se delineia aí: livrar a paisagem da representação que se faz dela, retratar sem pensar em nada já visto antes. Contar histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas aparecerem como são (PEIXOTO *in* NOVAES, 1990: p.363).

Em síntese, os relatos de viagem são sempre representações

⁶ As citações das fontes primárias serão transcritas no corpo do texto traduzidas para língua portuguesa.



Segundo Ilka Boaventura Leite “o viajante é peça chave na recomposição e contextualização do relato [...] por outro lado, o diário de viagem é peça chave na constituição da identidade do autor como viajante. Identidade que se constrói da viagem ao texto” (1996: p.26). Podemos acrescentar ainda este processo a figura fundamental do leitor. Ao escrever e descrever suas viagens, o viajante o faz tendo como pressuposto a recepção desta literatura. A quem escreve o viajante? Esta é uma pergunta primordial a ser feita à fonte durante a sua análise e interpretação.

Beneviste, linguista clássico da pragmática, introduziu nos debates em sua área a noção de “*quadro figurativo*”. O autor entendia a partir desta noção que a enunciação, “como forma de discurso, (...) instaura duas ‘figuras’ igualmente necessárias, uma origem e outra destino da enunciação” (BENEVISTE *apud* AMOSSY, 2008: p.11). A partir desta premissa é importante cruzar à própria história da escrita em que o viajante está circunscrito assim como a recepção e a função e as forma da recepção dessa escrita.

Viajante em expedições científicas, campanhas militares, projetos diplomáticos, turistas ou peregrinos possuem razões diferentes e estão circunscritos em situações linguísticas e históricas diferentes com seus interlocutores. No caso de Ibn Battuta a viagem tinha como pressuposta além da obrigação religiosa, o método primeiro para se adquirir o *adab*⁷ e ser reconhecido em sua volta como um sábio, recolhendo por tanto os frutos materiais e simbólicos desta condição. Sua *Rihla* foi financiada *idem* pelo Califa Merínida Abu Inan Faris. Seus objetivos são explicitados pelo escrivão Ibn Juzayy:

Em obediência à nobre indicação de ditar a um escrivão quantas cidades vira no curso de suas andanças, a narrativa dos acontecimentos os peregrinos, a relação dos reis do mundo com quem se entrevistara, dos principais ulemás e os homens mais devotados de Deus, Abu Abdallah referiu tudo o que pode deleitar o pensamento, regozijando-se a audição e a vista com rarezas e maravilhas de cada descrição cujo conhecimento é útil (JUZAYY *in* BATTUTA, 2006: p.120).

A *Rihla* de Ibn Battuta tinha tanto uma função política/diplomática de orientar o soberano Merínida sobre reinos vizinhos e povos e impérios distante, quanto uma função comercial para o comércio de longa distância ao enumerar e até mesmo citar

⁷ Palavra sem referência na língua portuguesa, mas que poder ser traduzida grosseiramente por “cultura”, ou conhecimento, erudição

preços, condições e qualidades das mercadorias – inclusive dos escravos. Além destas a *Rihla* funcionava como guia prático para futuros viajantes. Por isso os detalhes sobre alojamentos, alimentos e outros itens necessários para as viagens.

Conhecer os receptores da literatura de viagem e mesmo o gênero textual que se insere a literatura de viagem construído na relação do “quadro figurativo” de enunciação entre locutor e interlocutor é fundamental para a análise da construção das próprias descrições. Como cita Leite: Pode-se incluir também como parte dela o suposto leitor, fonte de inspiração e alvo principal da representação literária” (1996: p.26).

Esta relação entre locutor e interlocutor como elemento condicionante da construção do relato de viagem deve ser considerada em uma via dupla ao analisar a imagem subjacente de ambos dentro do relato. Para Michel Pêcheux e Amossy, para a construção da imagem dos interlocutores

A e B, nas duas pontas da cadeia de comunicação, fazem uma imagem um do outro: o emissor A faz uma imagem de si mesmo e de seu interlocutor B; reciprocamente, o receptor B faz uma imagem do emissor A e de si mesmo (AMOSSY in AMOSSY, 2008: p.11)

Logo, a escrita da viagem segue esta dupla lógica discursiva. O viajante ao mesmo tempo que constrói uma imagem de si no discurso, constrói uma imagem para aqueles que serão os receptores do relato, selecionando e excluindo informações, adaptado o estilo e os conteúdos. E o espelho do receptor funciona da mesma forma. Neste intento, o relato de Ibn Battuta foi escrito por um consagrado escriba magrebino-anadaluz: Ibn Juzayy, que era poeta e escrivão. Dentro do relato foram inseridos poemas identificados, metáforas e jogos de linguagem que dão um ar de erudição e ciência ao relato das memórias de Ibn Battuta. Na introdução da *Rihla*, após um longo elogio ao Califa Abu Inan, fala de seu papel na elaboração da obra:

Encarregou-se de melhorar o estilo literário do relato, procurando fazê-lo claro e compreensível para que se deleite e suas curiosidades e tenha grande proveito esta pérola, uma vez despojada de sua concha (JUZAYY in BATTUTA, 2006: p.120).

A partir deste jogo de espelhos que funda o quadro figurativo uma outra questão se coloca na análise da literatura de viagem: Como o viajante ao construir seu relato produz verossimilhança? Ou seja, como o viajante convence o receptor de seus relatos



de que o que diz é verdade? Tais questões são evidentemente do campo da Retórica. E podem ser solucionadas a partir de como o viajante constrói esta verossimilhança: a partir do Discurso. A partir de então coloca-se em questão o fundamento da autoridade construída a partir do discurso.

Sobre o relato de viagem de Ibn Battuta nos propõe Paulo Fernando de Moraes Farias: “É preciso ver como ele foi construído, com que elementos e de acordo com que regras, e também quais são os truques de narrativa que são usados para fazer com que o leitor acredite no que ele diz” (FARIAS in MACEDO, 2010: p.101).

Nos relatos de viagem islâmicos da Idade Média o primeiro elemento que fundamentava a autoridade do viajante era “o ver” e “o ouvir”. Ibn Khaldun cita em seus Prolegômenos que a aprendizagem a partir da observação e audição direta é mais completo e abrangente que algo que se aprendeu sobre (KHALDUN, 1967). Desta forma Ibn Battuta no decorrer de todo o seu relato faz questão de citar o que viu de forma detalhada, muitas vezes detalhadas numericamente. Distâncias, monumentos como o farol de Alexandria e comprimentos de caravanas são detalhadas apontando medições que supostamente foram transpostas e medidas pelo próprio cronista dando uma aparência de autoridade e verossimilhança àquilo que o cronista descreve. “Na verdade, o enunciador deve se conferir, e conferir a seu destinatário, certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber” (AMOSSY in AMOSSY, 2008: p.16).

A autoridade do cronista é construída também a partir do momento em que ele julga o *outro*. Os conceitos e adjetivações, no caso de Ibn Battuta – por este ter sido *cádi*⁸ –, são boa parte de conotação religiosas e são compartilhados pelos receptores. O enunciador deve legitimar seu dizer: em seu discurso, ele se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber (CHARAUDEAU ; MAINGUENEUA, 2008: p.220).

A medida também que julga e adjetiva o *outro* o cronista e aqueles a quem compartilha sua identidade se colocam numa posição de autoridade.

É por isso que Ibn Battuta ao descrever os habitantes do Mali acha-se na condição de citar as “virtudes e defeitos dos negros, a meu entender” (BATTUTA,

⁸ Juiz da lei islâmica.



2006: p.820). A posição de Ibn Battuta é sempre uma posição de autoridade, a partir da qual escolhe o que incluir e o que omitir no relato. Por tanto, como esclarece-nos Moraes Farias “a todo momento é preciso estar atento a essa questão da autoridade do relato e da definição, da autoridade que se assume quando se assume um ponto de vista, e das distorções que isso produz” (FARIAS *in* MACEDO, 2010: p.104).

Outro conceito extremamente relevante de ser utilizado ao analisar o viajante dentro da produção do relato de viagem e como ele maneja e constrói a verossimilhança de seu discurso é o conceito aristotélico – debatidos e aperfeiçoados pelos estudos da Retórica e Análise do Discurso – de *Ethos* discursivo.

Os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório. (...) À maneira de Aristóteles, procuravam compreender e explicar como o discurso se torna eficaz (AMOSSY *in* AMOSSY, 2008: p.10).

Designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário.” Ao mesmo tempo, o *ethos* está ligado ao estatuto do locutor e à questão de sua legitimidade, ou melhor, ao processo de sua legitimação pela fala” (AMOSSY *in* AMOSSY, 2008: p.17). Por isso a sua importância nos estudos da Retórica.

Ou ele, ou a pessoa a quem ele ditou o relato, habilmente procura recrutar o leitor para uma posição de confiança, de aceitar o que está dito ali, de acreditar de que se trata de um relato fidedigno, verdadeiro, de coisas observadas diretamente (FARIAS *in* MACEDO, 2010: p.104).

Por exemplo, há incidentes que são incluídos no relato que não têm aparentemente maior importância, como o relato nas Ilhas Maldivas do costume de suas esposas ou da compra e da troca de uma escrava no Mali. Contudo, esses pequenos incidentes, que aparentemente são um simples suplemento ao relato, segundo Paulo F. de Moraes Farias, os especialistas em crítica textual os chamam de “produção de efeitos de realidade” ou “produção de verossimilhança” (FARIAS *in* MACEDO, 2010: p.104). Esses detalhes suplementares não são neutros. Eles têm uma função retórica que é a de produzir uma sensação de verossimilhança. São coisas concretas, que os leitores contemporâneos das crônicas – como o citado Ibn Khaldun –, podiam imaginar que



poderiam acontecer a qualquer um de numa viagem. Essas estratégias dão um sentimento de realidade que se transmite por todo o relato.

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si (AMOSSY *in* AMOSSY, 2008: p.09).

O trabalho essencial do cronista é possibilitar a transferência de sentido através de representações. A possibilidade desse cotejo repousa sobre a idéia de que um texto não é uma coisa inerte, mas inscreve-se entre um narrador e um destinatário. Entre o narrador e o destinatário existe, como condição para tornar possível a comunicação, um conjunto de saberes semânticos, enciclopédico e simbólico e retóricos que lhes são comuns.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABD'ALLAH, Ali. **Islam: A Síntese do Monoteísmo**. Recife: Centro Cultural Islâmico do Recife, 1989.

ALMEIDA. **Palavras em viagem**: um estudo dos relatos de viagem medievais muçulmanos e cristãos. Revista Afro-Ásia (Salvador), nº 32, 2005.

AMOSSY, Ruth (org.) **Imagens de si no discurso** – a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2008.

BATTUTA, Bem. **Viagens extensas e dilatadas do célebre árabe Abu-Abdallah, mais conhecido pelo nome de Ben Battuta**. (Tradução e Introdução de José de Santo Antonio Moura). Lisboa: Typografia da Academia, 1840.

BATTUTA, Ibn. **The Travels of Ibn Battuta**. (Tradução, Introdução e notas Verbetes B. D. Samuel Lee). Londres: Oriental Translation Committee, 1828.



BATTUTA, Ibn. **Voyages d' Ibn battoutah**. (Compilação do Texto Árabe Trad. C.Defremery; B.R.Sanguenette). Tomo 2. Paris: L' Imprimerie Impériale, 1854.

BATTUTA, Ibn. **Voyages d' Ibn battoutah**. (Compilação do Texto Árabe e Trad. C.Defremery; B.R.Sanguenette). Tomo 4. Paris: L' Imprimerie Impériale, 1854.

BATTUTA, Ibn. **A través del Islam** (Edição Atualizada). (Tradução, Introdução e notas: Serafín Fanjul; Frederico Arbós). Madrid: Alianza Literaria, 2006.

BLOCH, Marc. **A Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BISSIO, Beatriz. Percepções do espaço no medievo islâmico (séc. XIV) - o exemplo de Ibn Khaldun e Ibn Battuta. 2008. Tese de Doutorado - Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2008.

BOUHDIBA, Abdulwahab. **Sexualidade no Islã**. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais para o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: 2004.

BRAUDEL, Fernand. **Gramática das Civilizações**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CALVINO, Italo. **As Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel De. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CHARAUDEAU, P. ; MAINGUENEUA, D. **Dicionário de Análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: Verbo, 2004.

COSTA E SILVA, Alberto da. **A Enxada e a Lança: A África antes dos Portugueses**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

CRISTOVÃO, Fernando. **Condicionantes Culturais da Literatura de Viagem**. Lisboa: Almedina, 2002.

DUNN, Ross. E. **The Adventures of Ibn Battuta – A Muslim traveler os the 14th century**. Berkeley; Los Angeles; Londo: University of California Press, 2005.



- ESPINOSA, Amanda (org.). **Antologia de textos históricos medievais**. Lisboa: Livraria Sá de Costa, 1972.
- GIORDANI, Mário Curtis. **História da África anterior aos descobrimentos**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GIORDANI, Mário Curtis. **História do Mundo Árabe Medieval**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- HARTOG, François. **Os antigos, o passado e o presente**. Brasília: UNB, 2003.
- HERNANDEZ, Liela Leite. **A África na sala de aula**. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- HOURANI, Albert. **Uma História dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KHALDUN, Ibn. **The Muqaddimah: An Introduction to History**. London: Routledge & Kegan Paul LTD, 1958.
- KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra**. vol. 1. Lisboa: Europa América, 1972.
- KI-ZERBO, J.(Coordenador). **História Geral Da África. Vol. I**. Metodologia e pré-história da África SP: Ática/ Paris: Unesco,1982.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 1996
- LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia Da Viagem. Belo Horizonte: Ed. UFMG., 1996**.
- MACEDO, José Rivair. **Viajando pela África com Ibn Battuta: Subsídios de Pesquisa**. Porto Alegre: Vidrágua, 2010.
- NIANE, D. T. (Coordenador) **História Geral Da África. Vol. IV**. A África do século XII ao século XVI. SP: Ática/ Paris: Unesco,1985.
- O Olhar Estrangeiro. In. NOVAES, Adauto. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- OLIVIER, Roland e FAGE, J. D. **Breve História de África**. Lisboa: Livraria Sá Da Costa Editora, 1980.
- TOUATI, Houari. **Islam & Travel in middle ages**. London; Chicago: The University of Chicago Press, 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

14

WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.